

VERBOS DE AÇÃO RESULTATIVA EM CONTEXTO DE USO

Bárbara Bremenkamp Brum (UFES)

barbarabbrum@hotmail.com

Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)

carmel_msa@yahoo.com.br

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

lhpr@terra.com.br

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo que estamos realizando no Núcleo de Pesquisas em Linguagens, na Universidade Federal do Espírito Santo, com verbos de ação resultativa, dando continuidade à pesquisa anterior, publicada no artigo “Estudo de verbos de ação resultativa” (BRUM, AMORIM, ROCHA, 2012). A pesquisa contempla os verbos *fazer*, *construir*, *organizar*, *acarretar*, *provocar* e *imaginar* visando discutir, analisar e descrever esses verbos que são caracterizados por terem um objeto que é o resultado da ação verbal.

Nas gramáticas tradicionais, o estudo do verbo ficou circunscrito a uma tentativa de explicar modos, tempos, vozes, pessoas e à predicação dentro da perspectiva morfosintática da língua. Nesse viés descritivo, não se contemplavam outros aspectos que envolvessem o verbo. Por isso, consideramos esta proposta importante, uma vez que levamos em consideração o papel que o verbo desempenha na sentença, no discurso e na comunicação.

A escolha dos verbos de ação resultativa teve como ponto de partida a proposição que Cano Aguilar (1981) faz para a língua espanhola. Segundo o autor, esses verbos são tipicamente de ação acompanhados por um objeto sintático que é resultado dessa ação. Inspirada no trabalho de Cano Aguilar (1981), esta pesquisa vem descrevendo e analisando esses verbos a partir de ocorrências na língua em uso, em que elencamos suas características sintático-semânticas no português do Brasil. Para nortear os estudos sobre esses verbos, utilizamos como referência Chafe (1979), Borba (1996) e Hopper e Thompson (1980).

Observando a bibliografia existente sobre verbos, pudemos constatar que: (i) há poucos trabalhos sobre verbos de forma geral e (ii) quase não existem estudos sobre verbos de ação resultativa na perspectiva que pretendemos empreender.

Partimos da hipótese de que os verbos de ação resultativa “fazer”, “construir”, “imaginar” e “organizar” selecionam um sujeito agente [+animado], [+intencional], um objeto [+concreto] e, por fim, comportam-se como verbo de ação-processo, ao passo que os verbos “provocar” e “acarretar” selecionam um sujeito causativo [-animado], [-intencional], um objeto [+concreto], comportando-se também como verbo de ação-processo.

O *corpus* é constituído de textos que circulam socialmente, e foi coletado a partir de ferramenta de busca *online*, que permite o direcionamento a vários textos em contexto de uso, e de forma manual.

Por contexto de uso, entendemos com Furtado da Cunha (2012) que se trata da utilização real da língua, pois as línguas são moldadas a partir da interação entre falantes, perpassando por situações e acontecimentos que por sua vez envolvem questões pragmáticas, cognitivas e semânticas que determinam sua formação.

A relevância deste estudo está em possibilitar, ao final, a criação de um quadro tipológico para evidenciar o comportamento desses verbos no funcionamento da linguagem bem como suas características linguísticas.

2. *Abordagens linguísticas*

Neste ponto, traçaremos breves considerações sobre o aporte teórico utilizado nas análises empreendidas sobre os verbos de ação resultativa, evidenciando sua importância para este estudo.

2.1. A gramática de valências

Chafe (1979) acolhe os verbos em quatro categorias semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Borba (1996) se vale dessa subcategorização ao propor sua gramática de valências.

A valência verbal diz respeito às propriedades que o verbo possui e que se mostram em sua realização em uma oração. Essas propriedades são chamadas de argumentos. Borba (1996, p. 46-57) distingue três tipos de valência: valência quantitativa, valência sintática e valência semântica. A função básica da valência verbal é de observar e determinar o comportamento do verbo no âmbito da frase.

Os verbos podem ser classificados como monovalente, bivalente, trivalente ou tetravalente, necessitando de um, dois, três ou quatro argumentos em sua realização, respectivamente. Um verbo pode ainda ser classificado como aivalente, caso não necessite de argumentos para formar a oração e são, portanto, os verbos impessoais (chover, ventar, etc.) que formam as orações sem sujeito.

Ignácio (2003) diz que o conceito de valência verbal muito se aproxima dos conceitos de regência e transitividade verbais, no sentido de que dão conta das relações sintáticas envolvidas na realização verbal. No entanto, a valência verbal abrange ainda o nível semântico, que permite a identificação dos traços e propriedades semânticas do verbo.

- a) Valência quantitativa: refere-se ao número de argumentos que o verbo necessita em sua realização na oração, podendo ser de zero a quatro.
- b) Valência sintática: refere-se à natureza morfossintática dos argumentos que acompanham o verbo.
- c) Valência semântica: diz respeito aos papéis temáticos e aos traços que os argumentos do verbo apresentam.

Na gramática de valências, o verbo é considerado o centro dinâmico da frase e os elementos que dele dependem são tratados sob o ponto de vista sintático-semântico. Borba (1996, p. 16) afirma que “o ponto de partida da valência verbal é a consideração do verbo como unidade lexical portadora de características morfológicas tais que permitem isolá-lo numa sequência”. Nessa perspectiva considera-se a existência de uma relação de dependência entre os elementos constituintes da frase, estabelecida em nível sintático.

Partindo dessa concepção de valência, podemos dizer que os complementos verbais não podem ser designados lexicalmente no próprio verbo, fora do contexto frasal, mas são apenas lugares vazios, denominados actantes, a serem preenchidos lexicalmente na frase, mas cujas propriedades morfossintáticas e semânticas são determinadas pelo verbo. Assim, os actantes estabelecem relações semânticas com o verbo e é este que determina a classe semântica dos termos que preenchem seus lugares vazios.

A gramática de valências, juntamente com a gramática de casos, nos possibilitam a análise do número de argumentos que os verbos de ação resultativa selecionam nos diversos contextos de uso, quais classes

de palavras podem preencher cada um desses argumentos, quais argumentos devem ser ou não introduzidos por preposição, que categorias devem ter as palavras que se combinam (como por exemplo, concreto, animado) e também os papéis temáticos que os argumentos desempenham na sentença.

Acolhemos a Gramática de Casos como subitem da Gramática de Valências, proposta por Borba (1996). Borba (1996) se valeu das noções de Fillmore (1977) para desenvolver a Gramática de Valências.

2.2. A teoria funcionalista

A perspectiva funcionalista da linguagem considera que a situação real de comunicação é o aspecto determinante da estrutura gramatical. Sendo assim, o funcionalismo privilegia o uso de língua para a compreensão dos fenômenos linguísticos em seu funcionamento.

Para a teoria funcionalista, o discurso é o uso da língua de forma concreta e é a partir dos procedimentos que regulam a comunicação que temos a gramática. Mas não se trata da gramática em seu conceito tradicional, mas da gramática que apresenta os elementos da língua e mostra como organizá-los para que seja possível a comunicação.

A importância de descrevermos os verbos de ação resultativa dentro da perspectiva funcionalista da linguagem é que assim poderemos considerar o uso real desses verbos e sua ambiência linguística.

2.2.1. Parâmetros de Hopper e Thompson

Para Hopper e Thompson (1980), a transitividade refere-se à transferência de uma ação de um agente para um paciente e, por conseguinte, quanto mais efetiva for a transferência mais transitiva será a sentença. Hopper e Thompson (1980) concebem a transitividade como sendo uma propriedade escalar, vista no contínuo, que fica condicionada por fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Os autores apresentam dez parâmetros a partir dos quais a transitividade oscila entre a alta transitividade e a baixa transitividade. No quadro a seguir apresentamos esses parâmetros.

COMPONENTES	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
Participantes	Dois ou mais	Um
Cinese	Ação	Não ação
Aspecto	Perfectivo	Não Perfectivo
Pontualidade	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	Realis	Irrealis
Agentividade	Agentivo	Não agentivo
Afetamento de O	O totalmente afetado	O não afetado
Individualização de O	O individuado	O não individuado

Quadro 1: Parâmetros de Transitividade de Hopper e Thompson (1980)

Segundo Hopper e Thompson (1980), cada parâmetro pode ser explicado assim:

- (1) uma ação só pode ser transferida se houver, pelo menos, dois participantes: A e O (*Ana abraçou Pedro VS. Ana partiu*);
- (2) ações podem ser transferidas de um participante para outro, enquanto que estados, não (*Ana empurrou Lara VS. Ana admira Sara*);
- (3) uma ação vista de seu ponto final é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação vista em desenvolvimento (*Eu comi o bolo VS. Eu estou comendo o bolo*);
- (4) ações realizadas sem nenhuma fase de transição óbvia entre o início e o fim tem um efeito marcadamente maior do que ações inerentemente contínuas (*Mara chutou a bola VS. Mara carregou a bola*);
- (5) quando A age intencionalmente, a ação se dá mais efetivamente do que quando não há uma intenção definida (*Leo escreveu seu nome na areia (intencional) VS. Leo esqueceu seu nome (não intencional)*);
- (6) a polaridade refere-se à distinção entre afirmação e negação, sendo a afirmação mais efetiva do que a negação (*Mere comeu o sanduíche VS. Mere não comeu o sanduíche*);

(7) uma ação que não aconteceu, ou que é descrita como ocorrendo no plano irreal, é menos efetiva do que uma que ocorreu ou que corresponde a um evento no plano real (*Ana comprou um carro novo VS. Ana vai comprar um carro novo*);

(8) participantes com maior potencial de agentividade podem transferir uma ação mais efetivamente do que participantes com potencial menor de agentividade (*Ana abriu a porta VS. O vento abriu a porta*);

(9) a transferência de uma ação ocorre em maior grau se o paciente for totalmente afetado (*Ana bebeu o leite todo VS. Ana bebeu um pouco do leite*);

(10) uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente individuado do que para um não individuado (*Ana ama seu namorado VS Ana ama sanduíche*. Hopper e Thompson (1980) apresentam este último parâmetro nos traços a seguir:

Individuado	Não individuado
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

Quadro 2: Propriedades da individuação por Hopper e Thompson (1980)

2.2.2. *A perspectiva de Givón (2001)*

Givón (2001) concebe a transitividade como um fenômeno complexo que envolve os componentes sintático e semântico. Para ele, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades semânticas do agente, paciente e verbo na oração-evento, respectivamente:

- (i) Agentividade: ter um agente intencional.
- (ii) Afetamento: ter um paciente concreto, afetado.
- (iii) Perfectividade: envolver um evento concluído, pontual.

Para Givón (2001), os três traços são uma questão de grau. Desse modo, dentro da categorização proposta pelo autor, em função da mudança física registrada no estado do paciente, tem-se um objeto criado.

3. Metodologia

Esta pesquisa está sendo realizada a partir da análise de verbos consignados em dicionários e gramáticas. Estamos nos atendo à modalidade escrita da língua.

O *corpus* se constitui de textos de circulação social, coletados por meio de ferramenta digital que permite o levantamento dos verbos de ação resultativa e sua ambiência linguística. Esse procedimento se deu em função da facilidade que ele proporciona ao direcionar aos mais variados textos encontrados no meio digital.

A análise e a descrição seguirão à proposição de Borba (1996), de Hopper e Thompson (1980) e, por fim, de Givón (2001).

4. Análise dos dados

(1) Idoso que **fazia** placas de carro falsas é preso em Colatina.

(Disponível em:

http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2011/03/noticias/gazeta_online_norte/noticias_norte/800218-idoso-que-fazia-placas-de-carro-falsas-e-preso-em-colatina.html). Acesso em: 07-01-2013, grifo nosso)

A notícia de *A Gazeta*, jornal de grande circulação no Estado do Espírito Santo, traz ao conhecimento dos leitores, tanto da versão impressa quanto de sua versão on-line, sobre a prisão de um idoso de 65 anos, que fazia placas falsas, na cidade de Colatina, no Espírito Santo. O senhor contava com uma máquina de fazer placas, que pesa cerca de duas toneladas. Ele cobrava R\$ 20,00 por placa fabricada e foi preso devido às denúncias feitas ao se notarem que as placas estavam fora do padrão exigido. O idoso responderá pelos crimes de estelionato, fraude e falsificação.

A análise do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996) evidencia que o verbo “fazer” está empregado como ação-processo, no sentido de “fabricar, produzir” e tem como sujeito, o idoso, agente [+humano], com intenção de agir [+intencional] e tem controle sobre a ação de fazer placas falsas, [+controlador]. É um verbo de valên-

cia dois, uma vez que seleciona um sujeito agente e um complemento concreto: placas falsas.

A aplicação dos parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980) ao exemplo (1) pode ser observada no quadro a seguir:

Participantes	Dois (+)
Cinise	Ação (+)
Aspecto	Não-perfectivo (-)
Pontualidade	Não-pontual (-)
Intencionalidade	Intencional (+)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Realis (+)
Agentividade	Agente (+)
Afetamento do O	Afetado (+)
Individuação do O	Parcialmente individuado

Numa escala de transitividade que varia de 0 a 10, a oração em questão possui grau 8 e tem, portanto, transitividade alta.

A análise à luz da proposição de Givón (2001) permite-nos afirmar que:

- (i) quanto à intencionalidade: há um agente intencional, ativo – o idoso,
- (ii) quanto ao afetamento: tem um paciente concreto, afetado: placas falsas e
- (iii) quanto à perfectividade: envolve um evento não-pontual: fazia.

Nessa perspectiva, dentro da categorização de Givón (2001), há a criação de um objeto: as placas passaram a existir, depois que o idoso as fabricou.

(2) Cidadão cansa de promessas e **constrói** ponte por conta própria em Santa Maria de Jetibá (ES)
 (Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2010/12/708236-cida-dao+cansa+de+promessas+e+constroi+ponte+por+conta+propria+em+santa+maria+de+jetiba+es.html> Acesso em 07/01/2013, grifo nosso)

O exemplo foi coletado no *site* do jornal *A Gazeta*, de Vitória do Espírito Santo. A notícia informa ao leitor que no interior do estado do Espírito Santo, em Santa Maria de Jetibá, um cidadão cansou-se das promessas de políticos, por isso construiu uma ponte.

Do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996), a análise do verbo “construir” permite-nos classificá-lo como verbo de

ação-processo e está empregado no sentido de “dar estrutura a, edificar”, seleciona um sujeito agente [+humano]: cidadão, com intenção de agir [+intencional] e tem controle sobre a ação de edificar uma ponte, [+controlador]. O verbo “construir”, nesta ambiência linguística, está se comportando como um verbo de valência dois, uma vez que seleciona um sujeito agente e um complemento concreto: ponte.

Ao aplicarmos os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) no exemplo (2), observamos que:

Participantes	Dois (+)
Cinise	Ação (+)
Aspecto	Perfectivo (+)
Pontualidade	Pontual (+)
Intencionalidade	Intencional (+)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Realis (+)
Agentividade	Agente (+)
Afetamento do O	Afetado (+)
Individuação do O	Individuado (+)

A oração possui grau 10 de transitividade e tem transitividade alta.

A análise empreendida a partir das propriedades preconizadas por Givón (2001) evidencia que:

- (i) há um agente intencional, ativo – cidadão,
- (ii) tem um paciente concreto, afetado: ponte e
- (iii) envolve um evento concluído, pontual: constrói, já que, em manchetes, o emprego do presente correspondendo ao passado recente se verifica com maior frequência.

Além disso, Silva (2013, p. 83) assegura que o uso do presente nas manchetes de capa se deve à motivação de caráter discursivo, uma vez que confere à manchete um estatuto de novidade e instantaneidade.

(3) Chuva forte **provoca** alagamentos em Anchieta.

(Disponível em:

http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/11/noticias/cidades/gazeta_online_sul/1375589-chuva-forte-provoca-alagamentos-em-anchieta.html

Acesso em 07/01/2013, grifo nosso).

O exemplo (3) foi retirado do site do jornal *Gazeta Online Sul*, jornal do Espírito Santo que traz notícias sobre acontecimentos do sul do estado. A notícia se refere aos alagamentos ocorridos em Anchieta, cidade localizada no sul do estado, em razão da forte chuva que destruiu calçadas, fez desmoronar uma barreira e interrompeu o trânsito de uma rodovia próxima.

A análise do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996) evidencia que o verbo “provocar” está empregado como ação-processo, no sentido de “ocasionar, incitar, estimular” e tem como sujeito, a forte chuva, que não é agente e é [-animado], pois se trata de um fenômeno da natureza, sem intenção de agir [-intencional] e também sem controle sobre a ação de provocar os alagamentos, [-controlador]. Trata-se de um verbo de valência dois, uma vez que seleciona um sujeito não agentivo e um complemento concreto: alagamentos.

Aplicando os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) que analisam o grau de transitividade das orações, observamos:

Participantes	Dois (+)
Cinese	Ação (+)
Aspecto	Perfectivo (+)
Pontualidade	Pontual (+)
Intencionalidade	Não-intencional (-)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Realis (+)
Agentividade	Não-agentivo (-)
Afetamento do O	Afetado (+)
Individuação do O	Não-individuado (-)

Em uma escala de 0 a 10, a oração possui grau de transitividade 7.

Na perspectiva de Givón (2001) podemos observar, no exemplo (3), que:

- (i) não há um agente intencional – chuva forte,
- (ii) apresenta um paciente concreto, afetado: alagamentos e
- (iii) envolve um evento concluído, pontual: provoca, pois se trata de uma manchete de algo que aconteceu no dia anterior ao da publicação da notícia.

Nesse sentido, seguindo a proposição do autor, tem-se um objeto criado: alagamentos, que surgiram a partir da ocorrência da chuva forte na cidade.

(4) **Imagine** sua Casa a 50m do Mar. Praia do Quilombo Penha – SC.

(Disponível em: <http://penha.olx.com.br/imagina-sua-casa-a-50m-do-mar-praia-do-quilombo-penha-sc-iid-506495119> Acesso em 13/07/2013, grifo nosso).

O exemplo (4) foi retirado do site OLX de anúncios imobiliários. O anúncio em questão refere-se a uma grande casa localizada próxima à praia em SC.

A análise do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996) considera que o verbo “imaginar” está empregado como ação-processo, no sentido de “conceber alguma coisa, criá-la, fantasiá-la” e tem como sujeito oculto, você, ou seja, qualquer pessoa que se interesse pelo anúncio, que é agente [+humano], levado a agir, imaginar, pela proposta publicitária com o verbo no imperativo e, portanto, [+intencional] e também controlador da ação [+controlador]. Trata-se de um verbo de valência dois, uma vez que seleciona um sujeito agente e um complemento concreto: casa.

A aplicação dos parâmetros de Hopper e Thompson (1980) evidencia que:

Participantes	Dois (+)
Cinese	Ação (+)
Aspecto	Não-perfectivo (-)
Pontualidade	Não-pontual (-)
Intencionalidade	Intencional (+)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Irrealis (-)
Agentividade	Agente (+)
Afetamento do O	Afetado (+)
Individuação do O	Individuado (+)

A oração, na escala de 0 a 10, apresenta grau e transitividade 7.

Observado as propriedades semânticas do agente, paciente e verbo na oração-evento, segundo a proposição de Givón (2001), temos, respectivamente:

- (i) quanto à agentividade: um agente intencional,
- (ii) quanto ao afetamento: apresenta um paciente concreto, afetado e

(iii) quanto à perfectividade: envolve um evento concluído, pontual: imagine, que ao ler o anúncio, a pessoa interessada cria a imagem da casa desejada.

Desse modo, dentro da categorização proposta por Givón, tem-se um objeto criado: casa, apesar de ter sido criado apenas mentalmente, não fisicamente.

(5) Mariana Ximenes **organizou** festa para estilista

(Disponível em: <http://entretenimento.br.msn.com/famosos/reynaldo-gianecchini-curte-festa-de-anivers%C3%A1rio-de-marc-jacobs> Acesso em 13/07/2013, grifo nosso).

O exemplo foi retirado da sessão Entretenimento do site MSN e se refere a festa organizada pela atriz brasileira Mariana Ximenes para comemorar o aniversário do estilista Marc Jacobs, na casa da estilista Gilda Midani.

Do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996), a análise do verbo “organizar” permite-nos classificá-lo como verbo de ação-processo e está empregado no sentido de “pôr em ordem, preparar, arrumar”, seleciona um sujeito agente [+humano]: Mariana Ximenes, com intenção de agir [+intencional] e tem controle sobre a ação de organizar a festa, [+controlador]. O verbo “organizar”, nesta ambiência linguística, está se comportando como um verbo de valência dois, uma vez que seleciona um sujeito agente e um complemento abstrato: festa.

Os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) mostram que:

Participantes	Dois (+)
Cítese	Ação (+)
Aspecto	Perfectivo (+)
Pontualidade	Pontual (+)
Intencionalidade	Intencional (+)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Realis (+)
Agentividade	Agente (+)
Afetamento do O	Afetado (+)
Indivuação do O	Não-indivuído (-)

A oração em questão apresenta grau de transitividade 9, sendo, portanto, de transitividade alta.

Analisando as propriedades elencadas por Givón (2001) no que contemplam as características semânticas do agente, paciente e verbo na oração-evento, observamos que:

- (i) há um agente intencional, ativo – Mariana Ximenes,
- (ii) há um paciente abstrato, afetado: festa e
- (iii) envolve um evento concluído, pontual, perfectivo: organizou.

Temos, portanto, no exemplo (5), a criação de algo a partir da ação do sujeito: a festa, que passou a existir após a organização, a preparação feita pela atriz.

(6) Forte calor **acarretou** recorde de temperatura e chuvas intensas no Triângulo.

(Disponível em: <http://www.jornalnoticiaregional.com.br/cidade-e-regiao/forte-calor-acarretou-recorde-de-temperatura-e-chuvas-intensas-no-triangulo/> Acesso em 13/07/2013, grifo nosso).

O exemplo (6) foi retirado do site do Jornal Notícias Regional, que é publicado na região de Monte Carmelo, MG. O exemplo se refere à alta temperatura registrada em MG, além das fortes chuvas que ocorreram durante o período do fim de outubro e início de novembro de 2012.

A análise do ponto de vista da gramática de valências de Borba (1996) revela que o verbo “acarretar” está empregado como ação-processo, no sentido de “ocasionar, causar” e tendo como sujeito, Forte calor, que não é agente e é [-animado], pois se trata de um fenômeno da natureza, sem intenção [-intencional] e também sem controle sobre o ocorrido [-controlador]. Trata-se de um verbo de valência dois, que seleciona um sujeito não agentivo e um complemento inanimado: recorde de temperatura e chuvas.

Com relação à análise a partir dos parâmetros de Hopper e Thompson (1980) para o exemplo (6), constatamos que:

Participantes	Dois (+)
Cinese	Não há ação (-)
Aspecto	Perfectivo (+)
Pontualidade	Pontual (+)
Intencionalidade	Não-intencional (-)
Polaridade	Afirmativa (+)
Modo	Realis (+)
Agentividade	Não-agentivo (-)

Afetamento do O	Afetado (+)
Individuação do O	Não-individuado (-)

É uma oração que possui grau de transitividade 6.

O exemplo (6), dentro da categorização proposta por Givón (2001), podemos observar que:

- (i) não há um agente intencional – forte calor,
- (ii) apresenta um paciente abstrato, afetado: recorde de temperatura e chuvas intensas e que
- (iii) envolve um evento concluído, pontual, perfectivo: acarretou.

Portanto, neste caso, tem-se um objeto criado: recorde de temperatura e chuvas intensas, que aconteceram por causa do forte calor na região do Triângulo Mineiro.

5. *Conclusões*

Neste estudo, procuramos identificar, descrever e analisar o comportamento sintático, semântico e discursivo dos verbos “fazer, construir, provocar, imaginar, organizar, acarretar”, nas acepções que os colocam na subclasse dos verbos de ação resultativa. O *corpus* de análise se constituiu de manchetes, anúncios publicitários, *etc.* dos quais foram eleitos seis para serem apresentados no presente artigo.

A análise dentro da abordagem de Chafe (1979) evidenciou que os verbos se comportam como ação-processo, uma vez que há uma ação que é realizada por um sujeito agente, como em: (5) Mariana Ximenes *organizou* festa para estilista, e/ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, conforme atesta o exemplo (6) Forte calor *acarretou* recorde de temperatura e chuvas intensas no Triângulo.

A gramática de valências de Borba (1996) subsidiou a análise no que tange ao tipo de argumentos selecionados pelos verbos em questão: sujeito (agente ou causativo), por exemplo. Essa teoria permitiu a análise do número de valências deste tipo de verbo e também a natureza dos elementos selecionados pelos verbos.

Os parâmetros de Hopper e Thompson e também a proposta de Givón (2001) foram fundamentais para a análise empreendida por razões claramente delineadas:

- (i) porque tratam a transitividade como um fenômeno de natureza escalar, gradiente e concebida dentro do contínuo;
- (ii) a transitividade deixa de ser uma propriedade apenas do verbo e passa para uma orientação de toda oração onde o verbo se encontra;
- (iii) noções como intencionalidade do sujeito agente prototípico é levado em consideração;
- (iv) a língua é estudada a partir de seu uso real, não em frases descontextualizadas ou elaboradas.

O verbo “imaginar” revelou algumas peculiaridades em parte previstas por Cano Aguilar (1981, p. 188, 189). A descrição que o autor faz desse verbo é breve, destacando que imaginar pode ser considerado, às vezes, como um verbo resultativo ou de criação mental: “por que imagina tantos enredos?” Sendo que o objeto é algo criado pela mente. Continua o autor, há também, muito próximo a esse sentido, o sentido de construir algo na mente: “Imagino a expressão das mulheres nas janelas”. O autor assegura ainda que: com orações e infinitivos seu sentido se aproxima mais do de “crer”, “acreditar”: “Imaginei viria ontem, imaginei que você não sabia o que fazer”, “Juan imagina ser homem rico”. Defende que o verbo pode também trazer um elemento predicativo que se refere ao objeto nas mesmas circunstâncias que outros verbos: “Eu o imaginava mais jovem”, ou introduzido por “como”: “Eu o imaginava como um pequeno touro”. Em todos os exemplos citados, o uso do verbo em espanhol se aproxima muito com seu uso em português.

Com base no exposto, concluímos que a ambiência linguística de um verbo é um fator extremamente importante na hora de determinar sua transitividade. Há um ganho na análise aqui proposta, visto que diferentemente da metodologia adotada por gramáticos tradicionais, que usam exemplos cuidadosamente colhidos de textos literários, há um novo olhar para a língua a partir de seu uso efetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

CANO AGUILAR, R. *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos, 1981.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Trad.: Maria Helena de M. Neves, Odette G. L. A. S. C. e Sonia V. R. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam (Philadelphia): John Benjamins Publishing Company, 2001, vol. 1.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

IGNÁCIO, S. E. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Editora Ribeirão Gráfica, 2003.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.